

A CONSCIÊNCIA DA EXISTÊNCIA EM SÊNECA

Carlos Antonio Pereira¹
Instituto de Filosofia e Teologia Santa Cruz (ISC)
José João Neves Barbosa Vicente²
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

RESUMO:

Não é indispensável para quem pretende compreender o sentido da definição da vida feliz em Sêneca, ou melhor, da consciência da felicidade elaborada a partir de uma rejeição do eudemonismo, sem passar por um desvelamento da consciência da existência que se mostra a partir do conhecimento da morte – este é o assunto fundamental deste artigo, afinal, para Sêneca, não há escapatória, alcançar o conhecimento da vida é entender-se mortal.

PALAVRAS – CHAVE: Vida; morte; Felicidade; Consciência; Existência.

THE CONSCIENCE OF THE EXISTENCE IN SÊNECA

ABSTRACT:

He is not indispensable for who it intends to understand the direction of the definition of the happy life in Sêneca, or better, of the conscience of the happiness elaborated from a rejection of the eudemonismo, without passing for a desvelamento of the conscience of the existence that is revealed from the knowledge of the death - this is the fundamental subject of this article, after all, for Sêneca, does not have excuse, reaching the knowledge of the life is to be understood mortal.

KEYWORDS: Life; Death; Happiness; Conscience; Existence.

A brevidade da vida

É plausível que antes de se travar o prélio em busca da consciência da felicidade em Sêneca, deve-se desvelar sobre a consciência da existência. No

¹ Graduado em Filosofia e graduando em Teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia Santa Cruz (ISC), Goiânia/ Goiás – Brasil. E-mail: carlos_gyn10@hotmail.com

² Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás - Brasil e Professor Assistente de Filosofia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Amargosa, Bahia – Brasil. E-mail: josebvicente@bol.com.br

pensamento de Lúcio Anneo Sêneca, a existência se mostra consciente a partir do consentimento da morte. Nas obras do filósofo é fulgente a idéia de que alcançar o conhecimento da própria vida é entender-se mortal. Sêneca (2008), numa de suas cartas, afirma a seu amigo Lucílio que “cada dia, cada hora mostram-nos o pouco que valemos e qualquer outra importante situação relembra nossa fragilidade esquecida. Nós que sonhávamos com a eternidade, somos obrigados a encarar a morte” (SÊNECA, 2008, p. 114). O homem não pode buscar algo sem antes ter em mente sua meta e seus limites. É necessário reconhecer-se frágil, sem valor, pois de outro modo não se encontra soluções para o problema da morte. Lamentar-se com a natureza por causa da brevidade da existência, diz Sêneca, não ser o melhor caminho. Pois para ele, “não temos exatamente uma vida curta, mas desperdiçamos uma grande parte dela” (SÊNECA, 2008, p. 26). Sendo assim, esquivar-se atrás da natureza é fácil, mas, o mais preciso é encarar a existência de forma consciente e mesmo sabendo da chegada da morte, viver aspirando à felicidade.

Compreender a morte em Sêneca é importante ressaltar, não é atrelar-se à morte, mas pensar na vida. Assim, ressalva Vicente (2009) que “temida ou não, a morte sempre remete o homem às questões da vida. Assim, ela deve ser encarada como algo que permite pensar o “sentido da vida” (VICENTE, 2009, p. 23). Ainda a respeito da morte adverte mais uma vez o referido autor: “todas as vidas, inclusive das pessoas que amamos têm um fim, a morte. Ela é um fato da nossa existência mesmo sendo encarada como ‘passagem para uma outra vida’” (VICENTE, 2009, p. 21).

Não é um desperdiço a afirmação de Sêneca (2008) que “quem teme a morte, nunca agirá conforme sua dignidade” (SÊNECA, 2008, p. 62). Ele quer dizer, com isso, que o homem que se fixa no fim, na morte, corre o perigo de se tornar inconsciente da magnitude da vida humana. Ou seja, a dignidade do homem não está na sua morte, ainda que ela seja um processo natural e comum, está na sua vida.

Destarte, encarando a mortalidade, compreende-se o que Sêneca (2008) propôs em sua importante obra “*De brevitae vitae*”, que em suma a vida não é breve. Afirma ele que

[n]ão temos uma vida breve, mas fazemos com que seja assim. Não somos privados, mas pródigos da vida. Como grandes riquezas, quando chegam às mãos de um mau administrador, em curto espaço de tempo, se dissipam, mas, se modestas e confiadas a um bom guardião, aumentam com o tempo, assim a existência se prolonga por um largo período para o que sabe dela usufruir (SÊNECA, 2008, p. 26).

São muitas as pessoas que não sabem definir para onde conduzir a própria vida, e nesta indefinição perdem a maior parte da vida que lhes é dada. Uns perdem-se nos vícios, outros na luxúria, na vaidade e outros até mesmo nos prazeres desvairados. Portanto, a vida não é breve, é sim, pequena e breve é a parte em que se vive de fato. Parte esta que é dotada da consciência da existência. Segundo Sêneca (2008) “a vida, se bem empregada é suficientemente longa e nos foi dada com muita generosidade para a realização de importantes tarefas” (SÊNECA, 2008, p. 26). É

importantíssimo compreender, no pensamento de Sêneca, a autoridade do indivíduo como condutor de sua própria vida. Se por vezes a existência terrena foi considerada um detestável destino, Sêneca aborda o assunto com naturalidade, ao afirmar que não se trata de imposição, mas de escolhas feitas por cada homem. Assim, o tempo vivido não é estabelecido como curto ou longo, uma vez que quem o deve determinar é o próprio sujeito.

O bom guardião a que se refere Sêneca, logicamente, não é o homem cujo tempo desperdiça em meio às coisas corruptíveis, mas o que coordena bem sua vida, a fim de não serem perdidos os momentos. Estes mesmos que pareçam ser meros instantes deixados, ao fim da vida se contados somam grande quantia de tempo não vivido. De acordo com Sêneca, o viver por muito tempo não indica necessariamente uma existência diligente, porque geralmente, tanto se perde que muitos anos vividos não justificam a tamanha perda. Sendo assim, um homem que chega ao fim da vida contando cem ou mais anos, morre precocemente. De acordo com Sêneca (2008), ao deparar-se com um velho às portas da morte deveria fazê-lo o seguinte exame:

Vemos que já atingiste o fim da vida, tem cem ou mais anos. Vamos, faz o cálculo da tua existência. Conta quanto deste tempo foi tirado por um credor, uma amante, pelo poder, por um cliente. Quanto tempo foi tirado pelas brigas conjugais e por aquelas com escravos, pelo dever das idas e vindas pela cidade. Acrescenta, ainda, as doenças causadas por nossas próprias mãos e também todo o tempo desperdiçado. Verás que tens menos anos do que contas. Perscruta a tua memória: quando atingiste um objetivo? Quantas vezes o dia transcorreu como o planejado? Quando mantiveste uma boa aparência, o espírito tranqüilo? Quantas obras fizeste para ti com um tempo tão longo? Quantos não esbanjaram a tua vida sem que notasses o que estavas perdendo? O quanto de tua existência não foi retirado pelos sofrimentos sem necessidade, tolos contentamentos, paixões ávidas, conversas inúteis, e quão pouco te restou do que era teu? Compreenderás que morre cedo (SÊNECA, 2008, p. 30-31).

Profere Sêneca (2008) que a morte, “tanto os velhos a têm diante dos olhos quanto os jovens. Não somos chamados de acordo com a idade e, além disso, ninguém é tão velho que não possa esperar um único outro dia” (SÊNECA, 2008, p. 21). Desta forma, tanto a morte como a velhice não precisam ser temidas. Ao contrário deve-se temer a perda de tempo. O fim da vida: a morte, se encarada como um mal, algo temível, o homem pode fazer escolhas erradas ao longo de sua existência. Pois se cada um administra sua vida, ter medo do fim terreno leva o homem a investimentos dos mais deploráveis possíveis. Por um lado, ele pode se perder em afazeres inúteis procurando ajuntar bens ou prestígios na ânsia de eternidade, ou ainda, entregar-se ao destino, deixando-se ser conduzido pelos vícios e tudo o que é supérfluo e corruptível. Para colocar-se em procura da felicidade é preciso aceitar, viver e até mesmo querer a morte. Pois, de certo modo, ela é a porta para a eternidade da alma. Neste ponto da filosofia senequiana, logicamente, o autor faz uso de certa teologia estóica, na qual, segundo ele, a felicidade se alcança plenamente somente na morada dos deuses. Porém, este não é o alvo a ser perseguido

neste trabalho monográfico e somente ao final deste será desenrolado mais sobre ‘a eternidade da alma’. Refutar a possibilidade da continuidade da vida da alma é cair no pessimismo dos séculos passados recentes. O que sem dúvida teria reprovação certa por Sêneca.

O pessimismo e a angústia não levam o homem à liberdade, mas à prisão do destino. Aceitar a morte não é aceitar o destino, mas lutar contra ele. Aliás, poder-se-ia propor que no pensamento de Sêneca não há uma aceitação passiva da morte, mas totalmente ativa. Dessa forma, a ação leva o homem a lutar contra toda corrente de pacifismo indolente. Compreender o fenômeno mortal é ser sábio para guiar a existência com prudência, pois, a vida pode enganar o homem. Assim, cabe a este, querer ser sábio ou querer existir enganado. Há no pensamento de Sêneca uma distinção óbvia entre ser e existir. Aquele indivíduo que o ordena o seu tempo, vive, já o que faz o contrário, apenas existe. É como um barco em alto mar, quando é conduzido por alguém chega à algum lugar, diferentemente de quando ninguém o conduz, ele vai sem destino e onde levam as águas. Segundo Sêneca (2008), “não julgues que alguém viveu muito por causa de suas rugas e cabelos brancos: ele não viveu muito, apenas existiu por muito tempo” (SÊNECA, 2008, p. 43).

Viver a vida para si

Mas, como ser e não apenas existir? Como viver e não apenas estar no tempo? Eis um dos pontos mais incisivos dos quais Sêneca se apóia para afirmar sobre o aproveitamento do tempo: o viver para si. Ser é viver para si, é gozar a existência, é ser guardião do tempo. Este ponto é de fundamental relevância em sua filosofia. Aproveitar que, por completo, se difere da compreensão contemporânea do termo. Viver aproveitando a vida é fugir das paixões, distanciar-se da embriaguez, renunciar as preocupações exageradas, aproximar-se do saber e das coisas que edificam a alma. Tomado em sua compreensão degenerada, o aproveitamento da vida somente desperdiça a existência, aí sim, a vida é brevíssima, pois não pode-se ter a consciência de sua verdadeira importância. Sêneca (2008) a este respeito diz que

“[p]equena é a parte da vida que vivemos”. Pois todo restante não é vida, mas somente tempo. Os vícios sufocam os homens e andam a sua volta, não lhes permitindo levantar nem erguer os olhos para distinguir a verdade. Permanecem imersos, presos às paixões, não favorecendo um voltar-se para si próprio (SÊNECA, 2008, p. 28).

Deste modo, é imprescindível ao homem ser consciente de si, ou seja, voltar para si próprio. Para que assim, conduza a vida de forma autêntica e autônoma. Sêneca (2008) afirma que “este cuida daquele, que cuida do outro; ninguém cuida de si mesmo” (SÊNECA, 2008, p. 29). O cuidar e mesmo o viver para si, parece ser mais uma invocação egocêntrica. Dificilmente percebe-se em algum sistema filosófico tal chamado. Entretanto, na filosofia senequiana o viver para si parece-se com o preceito bíblico: *amar o próximo como a si mesmo!* Ou seja, para amar o próximo é necessário o amor próprio. Assim acontece no pensamento de Sêneca,

pois, o grande problema é que os homens não vivem para si, não se amam verdadeiramente, com isso, são impedidos de amar e de dedicar-se à outrem. E enganam-se diversas vezes pensando que fazem o bem, enquanto destroem suas vidas e as dos outros. Sêneca não aponta a doação como coisa refutável, porém aplica o que chamar-se-ia de ditado popular: só dá algo quem o possui! Assim, vê-se a necessidade de ganhar tempo, ganhar vida, ganhar a existência.

De acordo com Sêneca, comumente encontram-se pessoas pedindo um tempo a alguém, o que estas pedem e às pessoas a que se pedem, vê-se não entenderem o que realmente é o tempo, o quanto é precioso e valioso. Entenderiam se pedissem: ‘eu vou me dar um tempo a mim, por isso não me importune’. A vida não é algo, ou alguma coisa que se pede ou que se ganha de outro, é sim um fato que cada um faz acontecer. Ganha-se somente a existência dos genitores. Por melhor que sejam os pais, não podem amparar os filhos a tal modo de viverem sua vida. Mesmo a bondade de outros, não importa quão grande seja, não pode presentear à outro com o seu viver. Cada qual é responsável por dar-se o ‘ser’. Neste mote percebe-se nitidamente a idéia senequiana do viver para si. Uma vez que seus ensinamentos sobre esta questão são temporais, jamais em conteúdo de tempo pode-se acrescentar, tirar ou doar à vida de alguém.

O ócio: caminho para a felicidade

Como viver concretamente para si, não é uma questão vaga nos princípios filosóficos de Sêneca, mas uma questão de escolha. Em seus tratados, Sêneca, explicitando o viver para si, retrata a forma mais perfeita deste viver: o ócio. O ócio, na compreensão de Sêneca, deve ser preferido às riquezas e todas as coisas mais efêmeras, pois, tudo o que é passageiro não dificilmente pode ser retirado do homem, já a vida ociosa nada há que a furte. E certamente o homem feliz é o que muito tem, mas, mais ainda, é o homem que pouco ou nada pode ser subtraído. Tudo o que é corruptível pode ser facilmente arrancado do indivíduo. Mas não as coisas eternas.

Viver o ócio é não estar ligado à materialidade, e não se deixar submergir pelas preocupações. Pois “é consenso que um homem ocupado não pode fazer nada bem” (SÊNECA, 2008, p. 40). Ainda mais se tratando do ócio, que é o viver para si para aprender a viver. Assim afirma Sêneca (2008), “nada está mais longe do homem ocupado do que viver, nenhuma coisa é mais difícil de aprender. [...] Deve-se aprender a viver por toda a vida e, por mais que te admires, durante toda a vida se deve aprender morrer” (SÊNECA, 2008, p. 41). Portanto, os homens cuja vida foi desmedida nos prazeres e, cujo tempo foi-lhes tirado, ao morrerem ver-se-ão que “deixaram a vida confessando não ter aprendido” (SÊNECA, 2008, p. 41) a viver.

É de extrema necessidade perceber que a ociosidade em Sêneca requer não algo estranho ao homem, mas algo que sua própria natureza o indica: a contemplação. Viver o ócio acima de tudo é viver uma vida de contemplação. A própria natureza foi criada para a contemplação do homem, uma vez que não teria sentido existirem tantas coisas esplêndidas para mera solidão ou observação. A beleza das criaturas incita o homem à contemplá-las. Sêneca (2008) profere que

[a] natureza nos concedeu um gênero curioso e consciente de sua destreza e formosura; nos engendrou para a contemplação desses grandes espetáculos, já que tudo isso perderia sua riqueza de coisas tão grandiosas, tão excelsas, tão eminentemente estruturadas, tão brilhantes e belas, se ficasse visível só para a solidão (SÊNECA, 2008, p. 98).

Às vezes, ou muitas vezes, o homem se ocupa de tal modo que nem mesmo se lembra de contemplar as coisas verdadeiramente boas. Ocupação esta que se dá em diversos ramos e níveis. Um problema questionado por Russell na modernidade é justamente a ocupação excessiva com o trabalho e o esquecimento do lazer. Assim ele afirma numa espécie de descarrego de consciência:

Como a maior parte das pessoas de minha geração, eu cresci ouvindo que o ócio é o pai de todos os vícios. Sendo uma criança bastante virtuosa, acreditava em tudo o que me diziam, e minha consciência tem me mantido trabalhando duro até hoje. Mas ainda que a minha consciência tenha controlado as minhas ações, minhas opiniões passaram por uma revolução. Penso que se trabalha demais atualmente, que danos imensos são causados pela crença de que o trabalho é uma virtude, e que nas modernas sociedades industriais devemos defender algo totalmente diferente do que sempre se apregou (RUSSELL, 2002).

Nesta mesma obra Russell (2002) incita que “muitos males estão sendo causados ao mundo moderno pela crença na virtude do trabalho, e que o caminho para a felicidade e prosperidade está em uma diminuição organizada do trabalho” (RUSSELL, 2002). O Trabalho pode ser confundido com a ganância exacerbada, que leva o homem não à riqueza, mas a perdição de si, de sua saúde, de sua existência. Ou seja, muitos “vivem ocupados para poder viver melhor: acumulam a vida, dissipando-a” (SÊNECA, 2008, p. 46). Afirma ainda Sêneca (2008) que “é, portanto, evidente que não seja apenas muito curta, mas também muito infeliz a vida daqueles que a preparam com grande trabalho e que só a podem conservar com esforços maiores ainda” (SÊNECA, 2008, p. 73). Quantos são os que se lançam somente ao trabalho, se esquecendo que precisam viver o lazer, isto é, desfrutar do que eles mesmos fazem. Ao contrário, muitos trabalham, e ao invés de aproveitar verdadeiramente o fruto do trabalho, no máximo o desperdiçam em vícios deploráveis.

Sêneca propôs que o trabalho em si não é um bem, ou seja, não é uma virtude. Afirma ele: “o trabalho não é um bem; mas então o que é um bem? O desprezo pelo cansaço” (SÊNECA, 2008, p. 33). Portanto, também ele pode tirar a consciência do homem de si, pode escravizá-lo, especialmente quando se trabalha a fim de ajuntar posses. O bem, se não está no trabalho, consiste no não fugir dele, isto é, não se render à preguiça e ao cansaço. De modo algum vê-se no pensamento senequiano uma apologia ao trabalho, mas entende-se que o fugir dele é um mal. Contudo, mesmo não fugindo do trabalho, o homem precisa encontrar na arte de se viver o espaço do lazer, que é uma espécie de antecipação do ócio. É preciso ao

homem saber estar no ócio, mas antes, também saber desfrutar do lazer. Sêneca, a respeito do lazer, pregou sua necessidade, uma vez que, ele é parte integrante da vida do homem. Segundo ele

devem ser mescladas essas duas coisas, a saber, solidão e sociabilidade, mas com alternância entre elas. Esta desperta o desejo de vida com os outros. Aquela, conosco mesmos. Assim uma é medicina da outra. A solidão cura o horror à turba e esta sana o tédio daquela (SÊNECA, 2008, p. 79).

Sêneca (2008) aponta que somente “aquele que tem consciência do seu lazer é ocioso” (SÊNECA, 2008, p. 58). Pois, os que vivem conduzidos pelo esforço de outros, ou que são obrigados ao ‘lazer’ não vivem o ócio. Também Masi, ao propor a consciência do ócio como ‘ócio criativo’, afirma que pairou por muito tempo uma idéia estranha do ocioso. Segundo ele muito se pregou que “quem é ocioso é ladrão, porque rouba o tempo de esforço no trabalho, seja do empregador, seja da sociedade” (MASI, 2000, p. 282). É uma verdadeira deturpação do verdadeiro sentido do se viver uma vida ociosa. Criou-se ao longo dos tempos uma verdadeira ‘divinização do trabalho’. Segundo Sêneca (2008), em certos homens “o desejo do trabalho é maior que a capacidade para tal, combatem a decadência do corpo, e a própria velhice lhes parece deplorável, pois os afasta dos negócios” (SÊNECA, 2008, p. 83). Nada, se não for para o trabalho serve, deste modo, como aponta Sêneca a própria velhice pode parecer o pior dos males, pois afasta o homem da operosidade. Grande é preocupação de pensadores como Russell e Masi, que colaboraram não para o fim do trabalho e o início da vida anti-trabalhista, mas para a diminuição saudável das ocupações exageradas, dos trabalhos escravizantes. Russell (2002) afirma que “homens e mulheres comuns, tendo a oportunidade de uma vida feliz, se tornarão mais gentis, menos persecutórios e menos inclinados a ver os outros com desconfiança” (RUSSELL, 2002). Deste modo a busca pelo ócio não é meramente um sonho a ser conquistado, mas uma solução para muitos males. Uma solução que somente pode vir por meio de uma educação ao ócio criativo, como afirma Masi (2000):

O ócio é necessário à produção de idéias e as idéias são necessárias ao desenvolvimento da sociedade. Do mesmo modo que dedicamos tanto tempo e tanta atenção para educar os jovens para trabalhar, precisamos dedicar as mesmas coisas e em igual medida para educá-los ao ócio (MASI, 2000, p. 285).

Alguns estudiosos, quando se referem ao ócio proposto por Sêneca, apontam-no como contraditório. Pois comungando ele do pensamento estoico também em certos momentos, realçava a importância do bem comum. Assim, afirma Max Pohlenz (2005), citando Sêneca, que “[p]ara todo homem de são intelecto o bem comum precede o bem privado” (POHLENZ, 2005, p. 651). A duplicidade parece querer surgir, pois também, não em poucos momentos, Sêneca indica o ócio como afastamento do mundo e proximidade com o ser próprio. Como pode então o homem

deixar a vida pública para viver somente para si, se o bem comum deve preceder ao privado? Eis a contradição. Contudo, na carta VIII a Lucílio, o próprio Sêneca (2008) replica sabiamente:

“Tu me aconselhas a evitar a multidão”, escreves, “e que me afaste e me contente com a minha consciência? Onde estão aqueles teus preceitos que recomendam morrer em ação?” O quê? Pensas que estou te aconselhando à inércia? Eu me refugiei e fechei as portas para poder ser útil a mais gente. Nunca passo um só dia no ócio: dedico parte das noites ao estudo. Não me abandono ao sono, mas sucumbo, e continuo no trabalho com olhos caídos e cansados pela vigília. Eu me afastei não apenas dos homens, mas também das coisas, e em primeiro lugar das minhas: ajo no interesse da posteridade (SÊNECA, 2008, p. 17).

Se por certo neste tratado monográfico retrata-se a felicidade como questão de consciência, também o ócio não o pode ser diferente. Desse modo, viver o ócio não é simplesmente um retiro material, mas uma opção consciente de vida. Sendo filósofo, Sêneca não poderia indicar outro caminho de se viver o ócio e aspirando à felicidade que não a filosofia. Citando Epicuro, ele suplica ao seu amigo Lucílio: “Consagra-te à filosofia se desejas ser verdadeiramente livre” (SÊNECA, 2008, p.18). Aqui se percebe que a verdadeiro ócio dá-se na liberdade, não simplesmente da liberdade do mundo, mas como ver-se-á à frente, a liberdade de si mesmo. Segundo Sêneca (2008) “servir à filosofia é a liberdade” (SÊNECA, 2008, p. 18). Referindo-se a esta liberdade, Masi (2000), ao propor o ócio criativo afirmou que “existe um ócio criativo, no qual a mente é muito ativa, que faz com que nos sintamos livres, fecundos, felizes e em crescimento” (MASI, 2000, p. 286). O ócio é preciso à liberdade, à felicidade. Portanto viver o ócio não se trata de uma fuga do mundo, mas ser consciente do viver para si, por meio da filosofia, mesmo em meio ao mundo.

Porém, em muitos momentos, o melhor a fazer pode ser a retirada do meio público. Se este impede totalmente o homem de viver para si, este homem não viverá bem, conseqüentemente não poderá servir bem aos outros. Muitos se dedicam ao Estado não porque querem fazer prevalecer o bem comum, mas somente para ajuntar miseráveis riquezas. Estes homens não são servidores dos outros, são ultrajadores. Por isso, Sêneca propõe principalmente a estes que o ócio deve comportar uma renúncia tal que perca todos os bens materiais. Sêneca (2008) afirma que “[é] fácil [...] abandonar as ocupações quando não se dá valor às recompensas” (SÊNECA, 2008, p.26). Contudo aqui brota a dificuldade, pois muitos homens se deixam prender pelas recompensas, se tornam escravos da matéria. E não é fácil libertar-se para viver o ócio, pois este comporta apenas o que é necessário. A este respeito Sêneca diz que “[o] naufrago não pode nadar com a bagagem” (SÊNECA, 2008, p. 27). Assim quem opta por viver o ócio não pode levar consigo sua ambição e seus bens fúteis, pois senão não viverá para si, mas imergido na corrupção.

Quanto ao lugar/espaço para se viver o ócio, Sêneca, parece não se preocupar muito. Pois para ele o que mais importa para se viver para si é o estado de ânimo. Por isso a afirmação: “deves mudar o ânimo, não o céu” (SÊNECA, 2008, p. 29). Diz

ainda que o “mais importante não é o lugar, mas o estado de ânimo, pois o ânimo não se tornará escravo de nenhum lugar” (SÊNECA, 2008, p. 30). Sêneca postula ainda a seu amigo Lucílio que mudar de um lugar para outro não é válido se o que procura é o viver bem, pois este se consegue em qualquer lugar. Até mesmo em meio às mais diversas ocupações como o fórum. Quanto a este, Sêneca (2008) afirma que

também aqui se pode viver tranqüilamente, se for necessário. Mas se é possível dispor livremente de nós mesmos, fugiria para longe da proximidade do fórum, pois como os lugares insalubres minam uma saúde muito firme, assim, também, lugares perigosos atacam os espíritos ainda não perfeitos e convalescentes (SÊNECA, 2008, p. 30).

Por conseguinte, Sêneca, não afirma que é obrigatória a saída do mundo para se viver o ócio, mas recomenda a vigilância para que não se deixe submergir pelas coisas vulgares. Assim também, os de espírito forte, os sábios podem alcançar o ócio, ou seja, viver para si mesmos, mesmo em meio ao tumulto e conseqüentemente também podem chegar, por meio da consciência, à felicidade. O primeiro passo apresentando por Sêneca seria por assim dizer, o reconhecimento da imperfeição: o exame de consciência. Diz ele usando uma frase de Epicuro que “ter consciência dos próprios pecados é o início da salvação” (SÊNECA, 2008, p. 31). Destarte, buscar viver o ócio é antes de tudo reconhecer-se necessitado dele e achar-se culpado por não viver totalmente para si com se deve.

Viver o tempo com prudência

Ainda para enfrentar a realidade da consciência da existência e viver para si não se pode fazer de outro modo que não “viver o tempo com prudência”. O tempo deve ser vivido de modo a não ser questionado como injusto, uma vez que como foi dito acima, cada um é condutor de sua vida. De acordo com Sêneca, (2008) “ninguém valoriza o tempo, faz-se uso dele muito largamente como se fosse gratuito. Porém, quando doentes, se estão próximos da morte, jogam-se aos pés dos médicos. Ou se temem a pena capital, estão preparados para gastar todos os seus bens para viver” (SÊNECA, 2008, p. 44). Sêneca, ao falar da não gratuidade do tempo, dá-lhe grande valor, não o vulgar pensar dos homens – tempo é dinheiro, no sentido de não perder tempo para ganhar mais posses materiais. Sêneca está tremendamente distante desta afirmação. De fato, Sêneca propõe a mostrar o valor do tempo para dizer que é incalculável e irrevogável. A este respeito, Sêneca (2008), diz que

[u]ma vez lançada, a vida segue o seu curso e não o reverterá nem o interromperá, não o elevará, não te avisará de sua velocidade, transcorrerá silenciosamente. Ela não se prolongará por ordem de um poderoso, nem pelo desejo do povo. Correrá tal como foi impulsionada no primeiro dia, nunca sairá de seu curso, nem o retardará (SÊNECA, 2008, p. 45).

Diante dessa incerteza, acerca do tempo, resta ao homem vivê-lo de forma prudente. Sêneca põe-se indignado e pergunta: “Pode haver alguma coisa mais tola,

me diga, que a maneira de viver desses homens que deixam a prudência de lado?” (SÊNECA, 2008, p. 46). Agindo prudentemente, o homem é capaz de recordar o passado com tranquilidade, viver o presente com temperança, aguardar sem expectativas o amanhã e estar consciente de sua chegada. Neste ponto Sêneca parece formular a divisão da vida em três tempos: aquilo que foi, o que é e o que será. O que fazemos é breve, o que faremos dúbio, o que fizemos certo. Se o período em que se vive, isto é, o hoje, é breve deve-se vivê-lo concretamente, aproveitando-o com prudência e inteligência. O tempo que há de se viver, o futuro, é duvidoso, logo, não deve-se viver fazendo expectativas para o amanhã, pois corre-se o risco de não viver o agora, nem o tempo que há de vir. Vivendo o hoje e não esperando nada do amanhã, ninguém precisará murmurar o tempo que foi, o passado, que deve servir de experiência. Não como à muitos, os loucos e insensatos, que o passado não é nada mais que algo penoso de ser memorado.

Novamente Sêneca trabalha a questão da consciência. Ao referir-se acerca do tempo passado, Sêneca (2008) profere que “ninguém retoma de bom grado o que passou, exceto aquele cujas ações estão submetidas à sua própria consciência” (SÊNECA, 2008, p. 50). O homem que age com prudência no presente não hesitará em lembrar o ontem. E o agir de acordo com a prudência é buscar a consciência tal da vida que esta seja vivida na razão, longe dos desejos concupiscentes, dos luxos desvairados e das esdrúxulas riquezas. Assim afirma Sêneca (2006): “feliz quem entrega à razão o direcionamento de toda a sua vida” (SÊNECA, 2006, p. 41). Não terá motivos de queixas ou de descontentamentos aquele que se orientou pela razão.

Este entregar-se à razão pode ser comparado na filosofia senequiana com o trabalho. Não somente o labor manual, mas todo aquele que engloba dedicação, como por exemplo, o estudo. Pronuncia Sêneca (2008) que “o trabalho nutre os espíritos generosos” (SÊNECA, 2008, p. 33). Entretanto, Sêneca não diz de qualquer trabalho, do trabalho por nada ou por coisas corruptíveis, mas os que trabalham pela honestidade, ou seja, belos verdadeiros bens espirituais. Pode-se afirmar que o homem digno, ou seja, que trabalha por dignidade é um homem prudente. Pois este não se deixará dominar pelos vícios e males humanos. O trabalho na concepção senequiana deve ser esclarecedor tanto quanto a ocupação. Pois uma vez mal esclarecidos podem oferecer ao homem não a liberdade, mas a prisão. Portanto, faz-se necessário encarar que existem os trabalhadores e ocupados com coisas grandes, honrosas, preocupados com o bem. Porém, há por outro lado, os escravos do trabalho, das ocupações indolentes, preocupados demasiadamente com o luxo e não com o bem, mas com o bem-estar. Por fim, existem os desocupados ou na linguagem paulina: “os ocupados em não fazer nada”.

Os homens ocupados com o bem possuem o espírito livre, mesmo em meio à ocupação. Já os homens de ocupações desonrosas têm, de acordo com Sêneca, espíritos abalados, estão sob um jugo, assim não podem conter em si a consciência da vida. Afirma Sêneca (2008) que

[u]ma alma segura e tranqüila pode correr por todos os momentos da vida; todavia, os espíritos dos homens ocupados estão sob um jugo, não podem se dobrar sobre si próprios, não podem se contemplar. Por

consequente, a sua vida se precipita nas profundezas e, assim como de nada serve encher com líquido uma vasilha sem fundo, nada pode trazer de volta o tempo, não importa quanto ele te foi dado, se não há onde retê-lo. Ele atravessará os espíritos abalados e que nada apreendem (SÊNECA, 2006. p. 51).

Ainda sobre o tempo é preciso arrostar que ele foge tanto do ocupado como do desocupado, assim sendo, quem não quer perdê-lo deve ocupar-se de modo a acompanhá-lo e precaver-se para não ocupar-se depravadamente. Segundo Sêneca, reduzir o tempo a um dia é o mesmo que fugir deste e de todos os outros da vida, o que é inútil. Uma vez lançados no tempo os dias chegam de qualquer forma. Por exemplo, a criança mesmo que não deseje, chegará, se continuar viva, à velhice. O tempo chega para todos, ainda que os demasiadamente ocupados só o percebam quando é cessado. Afirma Sêneca (2008) que

[d]o mesmo modo que uma conversa, uma leitura ou qualquer reflexão maior desvia a atenção do viajante, que, de repente, se vê chegado ao seu destino sem perceber que dele se aproximava, assim é o caminho da vida, incessante e muito rápido, que, dormindo ou acordados, fazemos com um mesmo passo que, aos ocupados, não é evidente, exceto quando chegam ao fim (SÊNECA, 2008, p. 47-48).

O tempo que se foi é inviolável, uma vez que ninguém pode tocá-lo ou mudá-lo. Nada que se faça alcança o tempo que já se foi. Os dias que virão são improváveis, já os vividos são tais como foram organizados por cada um. O tempo presente é brevíssimo de tal forma que para muitos nem parece existir, pois está em constante movimento, e aos despercebidos, o tempo deixa de ser antes mesmo de vir a ser. Aos ocupados com coisas fúteis, quando se dão conta do presente, este já se foi e o amanhã já é o presente, assim a vida corre e muitos não a acompanham. O tempo passa e muitos ficam.

As vãs preocupações: incompatíveis à vida feliz

De modo algum é prudente aquele que se deixa envolver pelas preocupações desnecessárias. Assim como em toda a filosofia senequiana há um apelo à vida segundo as necessidades, também as preocupações podem ser tantas que atrapalhem a vida, ou seja, desnecessárias. Novamente parece surgir um problema, pois se Sêneca induz os homens a fugirem das preocupações estaria ele fazendo uma apologia à despreocupação e à inércia? Não. O que o filósofo pretende e demonstra é que existem preocupações vãs que são incompatíveis à uma vida feliz. O homem inativo e entorpecido não poderia jamais chegar à consciência da felicidade, uma vez que já foi analisado que para se alcançar a consciência é imprescindível a preocupação consigo mesmo: o viver para si! Preocupação em Sêneca, nesse sentido do viver para si, tem por sentido o cuidado, o cultivo.

A exortação que Sêneca conduz aos preocupados, portanto, é que para muitos ‘preocupação’ toma o sentido contrário do cuidado que seria o descuido. Visto que

aqueles que tombam para as coisas fúteis são negligentes do valor da própria vida. Desta maneira, tudo o que ofusca a consciência da existência é preocupação desvirtuada, ou seja, preocupação desleixada. Durante os escritos de Sêneca não faltam exemplos de preocupações deste gênero. Algumas até mesmo já foram apresentadas no corpo anterior deste labor monográfico. Sêneca se indigna com os que se entregam às paixões corporais desregradas, à gula, aos vícios, os que se prendem à imagem da glória, à busca incessante de guerras. É veraz que muitos afirmam que Sêneca é colocado no meio dos filósofos morais, pois, grande foi seu destrinchar sobre a moralidade. Neste sentido, os preocupados são em grande escala imorais. Não simplesmente porque desvirtuam regras e leis, mas porque desvirtuam a própria ética do cuidado consigo.

É conciso obsecrar que coisas inúteis afastam a felicidade. E, se os homens que cultivam preocupações exageradas são imorais, é justo afirmar que a busca da felicidade no pensamento senequiano permeia a moral. Resta-se por enquanto perceber a inutilidade das vãs preocupações. De acordo com Sêneca, uma das maiores preocupações que os homens cultivam é o temor da morte. Este temor há muitos leva ao desperdício da vida, pois preocupados com a possibilidade de fim terreno se perdem tentando lutar contra ela, e quando percebem que não podem, entregam-se aos prazeres, dizendo gozar o pouco tempo que possuem. Porém, estes que pensam gozar da existência nada mais fazem do que ocupar-se em nada fazer. O que é preciso é viver e, não desperdiçar a vida, o que é muito diferente. Retoma-se aqui a afirmação de Sêneca (2008) que “nada está mais longe do homem ocupado do que viver, nenhuma coisa é mais difícil de aprender” (SÊNECA, 2008, p. 41). Quanto aos quem vivem longe da ocupação, Sêneca lhes garante longevidade. Assim ele indaga:

Por que não seria longa a vida para aqueles que a conduziram à distância de qualquer ocupação? Nada dela foi delegado a outrem, nada foi desperdiçado com negligência, nada esbanjado pela liberalidade, nada foi supérfluo: a vida toda foi, pode-se dizer, proveitosa. Por mais curta que seja, é mais suficiente, de maneira que, ao chegar o último dia, o homem sábio não hesitará em ir para a morte com tranquilidade (SÊNECA, 2006, p. 52).

É próprio do sábio não temer a morte, pois ele mesmo é o que procurou viver de forma digna. Pohlenz (2005), afirmando a respeito da morte em Sêneca, afirma que “a morte não é matéria de algum mal e é ao invés fim de muitos males”. (POHLENZ, 2005, p. 674). Desta forma, o morrer se torna lucro, não perda como receiam os preocupados.

Os desocupados: infelizes, inconscientes e falsos ociosos.

Anteriormente foram especificados os homens de preocupações supérfluas, também estes pode-se dizer que são os ocupados. Todavia há ainda, no pensamento de Sêneca, outro tipo de homens, que não os ocupados, que mesmo fugindo das

demasiadas ocupações são também imprudentes: os desocupados e falsos ociosos. Sêneca (2008) alega que

[h]á aqueles cujo ócio mesmo é ocupado: seja na casa de campo, em sua cama, na solidão, por mais longe que estejam de todos, eles são prejudiciais a si próprios. Deles não se pode dizer que a vida seja ociosa, mas apenas que possuem uma ocupação indolente (SÊNECA, 2008, p. 54).

Mesquinhas ocupações procuradas pelos homens como viver para si demonstram seu sentimento débil por si e pelos outros e não que ele está consciente de buscar uma vida feliz. Viver no ócio não é não fazer nada, ou fazer o que garante prazer, isto ao invés, fazem os desocupados. Existem até mesmo certos homens que se afastam tanto da vida que chegam a viver inconscientemente, não sabendo ou fingindo não saber o que fazem. É o caso dos homens que são carregados por aonde vão, que necessitam de outros no banho, no vestir, etc. A estes que preferem viver enganosamente Sêneca (2008) garante que “alguns vícios os seduzem como se fossem provas de felicidade, pois lhes parece ser mais do ser inferior e desprezível saber o que faz” (SÊNECA, 2008, p. 57). São muitos os que preferem buscar a mentira como caminho de ‘verdade’. O grande e sério problema é que neste eixo os homens, vivendo mentirosamente, não acharão nem a si mesmos e muito menos a verdade. Volta-se neste ponto a insistir que “ninguém pode ser tido como feliz fora da verdade” (SÊNECA, 2006, p. 40).

De acordo com Sêneca, para buscar o conhecimento não basta ser reprodutor de histórias até mesmo desumanas que acontecem. Assim, não vivem na verdade certos imbecis que insistem em repetir coisas vãs ao longo do tempo. Certos feitos devem ser esquecidos, pois ao contrário, lembrá-los mesmo que em nome do passado é vivê-los no pensamento. Nada adianta ao homem reviver tragédias, isto é inútil e impede ao homem de encontrar a felicidade. Sêneca (2008), se referindo aos massacres dos circos romanos afirma que “seria bom que isso fosse esquecido para que, mais tarde, alguém não aprendesse e invejasse uma ação, no mínimo, desumana” (SÊNECA, 2008, p. 61). Para os sãos podem parecer dementes tais massacres, mas para alguns inconscientes isto pode oferecer a ‘felicidade’. E que felicidade! Os homens que ficam ocupados de suas vulgares histórias não podem comungar da verdadeira sabedoria. De acordo com Sêneca (2008), “dentre todos, somente são os ociosos que estão livres para a sabedoria, apenas estes vivem, pois não só controlam bem sua vida, como também lhe acrescentam a eternidade” (SÊNECA, 2008, p. 64). Se há estudos que devem ser continuados e mestres a serem buscados são os que contribuem para a felicidade, não que oferecem prazer, mas que fazem felizes os que abrem-se a eles. A respeito destes, Sêneca (2008) assegura que “nenhum deles faltará, nenhum mandará embora aquele que o procurar sem deixá-lo mais feliz e mais dedicado a ele; nenhum permitirá, a quem quer que seja, sair de mãos vazias; eles podem ser encontrados por qualquer mortal, seja durante o dia, seja à noite” (SÊNECA, 2008, p. 66). Continua ainda “que felicidade, que bela velhice terá aquele que se propuser a ser clientes deles!” (SÊNECA, 2008, p. 67).

A livre escolha diante da existência

Chega-se a um ponto fulcral na filosofia senequiana: a livre escolha diante da existência. Ressoa estranho aos ouvidos humanos esta afirmação. Pois é consenso de todos que ninguém pode gerar-se a si mesmo, é próprio dos seres vivos provirem de outro ser da mesma espécie. Os homens, portanto, são gerados por outros os quais são denominados genitores. Porém, dentro da companhia dos filósofos Sêneca apresenta a possibilidade de um novo nascimento. A livre escolha sobre o ser. No pensamento de Sêneca, dos genitores cada homem recebe a existência, mas todos têm sorte de escolher como existir. Assim ele diz: “Costumamos dizer que não está em nosso poder escolher os pais que o destino nos deu; porém, podemos ter um nascimento de acordo com nossa escolha” (SÊNECA, 2008, p. 67). Assim sendo, a livre existência proposta por Sêneca não faz referência à existência corporal, mas à espiritual, que nesse sentido engloba todo o ser inclusive a condução da corporeidade. O homem pode, por sua escolha, pertencer às mais nobres famílias, não família no sentido comum, mas a família filosófica. Assim, percebe-se que se o homem sabe escolher ganha como herança acima de tudo a eternidade. Sêneca (2008) exclama que “esta é a maneira de prolongar a vida, ou mesmo de transformá-la em imortalidade” (SÊNECA, 2008, p. 68). O pensador não se refere à honrarias insignificantes, ou a bens materiais, pois tudo isso arruína-se com a passagem do tempo. Mas a vida nascida na casa da sabedoria, nenhuma época pode destruir ou diminuir. Onde pode residir a felicidade senão na sabedoria?!

Se por um lado o homem constrói uma existência feliz em meio à filosofia e aos seus mestres, por outro, segundo Pohlenz é necessário o afastamento do contrário, ou seja, de tudo quanto faz o homem afastar-se da sabedoria. Afirma Pohlenz (2005) que “Devemos fugir do contágio dos perversos, mas devemos cercar a maior razão da companhia dos bons, que exercitam a sua influência sobre nós sem advertência, e tanto mais em profundidade” (POHLENZ, 2005, p. 664). Assim como as coisas boas podem contagiar o homem à buscar o bem, as coisas ruins podem entorpecê-lo. Desse modo, o bem a ser buscado por quem almeja ser consciente de si e chegar à felicidade é a filosofia, que “é o dom mais precioso que a divindade concedeu ao homem” (POHLENZ, 2005, p. 635). A natureza concedeu ao homem não a perfeição, mas a capacidade para aperfeiçoar-se, não a felicidade, mas a vontade e os caminhos para conquistá-la. Desse modo encontra-se a filosofia, como este dom divino dado aos homens. Logicamente, o homem não tem a filosofia pronta dentro de si, mas tem o poder de viver buscando-a, ou seja, de ser filósofo – amigo da sabedoria.

Referências bibliográficas

- DE MASI, Domenico. *O Ócio Criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- POHLENZ, Maximilian Hugo. *La Stoa: storia di un movimento spirituale*. Milano: Bompiani, 2005.
- RUSSELL, Bertrand. *Elogio ao Ócio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002
- SÊNECA, Lúcio Anneo. *Sobre brevidade da vida*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- _____. *A Vida Feliz*. São Paulo: Escala, 2006.
- _____. *A Tranquilidade da Alma e A Vida Retirada*. São Paulo: Escala, 2006.
- _____. *Aprendendo a viver: cartas a Lucílio*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- VICENTE, José João Neves Barbosa. *Reflexões e posicionamentos*. Goiânia: Vieira, 2009.